

REVISTA

APLAUSO

Guia de teatro



Jornal do Teatro
Em Cartaz
Adriana Esteves
Amir Haddad
Ana Kfourri
Bosco Brasil
Daniel Herz
Marcos Palmeira
Miguel Vellinho
riocenacontemporanea

Rosamaria Murinho
e Caco Ciocler em

Frida Kahlo

Amores e dores
da polêmica
pintora mexicana



Bonecos, um espelho

“ Entrei para o curso de Teatro na Uni-Rio, em 1986, com a intenção de ser ator. Um ano depois, descobri uma forma de interpretação que transformou minha concepção de apresentação em palco. Um trabalho na faculdade exigiu que, com outros colegas, montássemos uma peça de Beckett com teatro de bonecos. O trabalho nos apaixonou. Revelava-se ali um leque de possibilidades interpretativas que nenhum ator poderia oferecer, já que o boneco não tem uma personalidade nem vai individualizar o personagem.

Vinte anos depois, toda a minha trajetória está ligada ao teatro de bonecos, sem uma limitação de público ou de temática. Bonecos, para muitos, está ligado a platéias infanto-juvenis e a representações folclóricas. Hoje, os diversos grupos brasileiros que se dedicam ao teatro de bonecos mostram que essa expressão pode e deve ser dirigida a adultos, mesmo que venha a despertar o lúdico em cada um dos espectadores.

Bonecos incomodam as platéias, de início. O espectador se vê refletido naquele boneco, já que, diferentemente de uma pessoa, não existe expressão facial. O boneco leva o público para dentro da peça, a empatia se dá de uma forma radical.

O teatro de bonecos já obteve reconhecimento em todo o País. No próximo ano, faremos um espetáculo que vai utilizar bonecos de argila para contar histórias de cordel sobre Lampião. É nosso primeiro contato com o universo genuinamente brasileiro e deve ter como cenário uma olaria nordestina.

Atualmente, os bonecos integram diversos tipos de encenação. Recentemente, ensinei manipulação para as atrizes Marieta Severo e Andréa Beltrão, que utilizam bonecos produzidos por nós na peça *As Centenárias*. É um trabalho interessante, pois não nos limitamos à confecção dos bonecos, mas também mostramos como o ator pode interagir com ele. É fascinante criar um cena sem muita distinção entre o ator e o boneco.”

Miguel Vellinho, fundador e diretor da Cia Pequod Teatro de Animação/outubro de 2007



Angústia em Cena

A Casa da Glória, um casarão do século XVIII que já foi sede de ONG e templo Hare Krishna, foi o cenário escolhido para a montagem pelo ator Tiago Fortes do monólogo *O Coração Denunciador*, de Edgar Allan Poe. Os únicos objetos de cena serão um pano de chão, um balde e uma calça de lona. Com direção e adaptação de Júlia Sarmiento, o conto de Poe descreve a angústia de um assassino que ouve o coração do homem a quem matou. Estréia: 19 de outubro. Vale conferir.

Do palco para o papel

A diretora e autora Karen Accioly terá suas peças infanto-juvenis reunidas na coleção *Caras e Máscaras*, publicada pela editora Rocco. A primeira história que sai do palco para o papel é a *Tuhu, o Menino Villa-Lobos*, que recebeu prêmios Mambembe, Shell e Coca-Cola em 1997/1998. Mais tarde serão publicadas *A excêntrica família Silva*, *Viva o Zé Pereira*, *Os meus balões e Quem inventou o Brasil*. O lançamento será dia 12 de outubro, no Teatro do Jóquei.

Nenhum Problema

Em 2004, o ator e escritor Marcelo Médici estreava *Cada Um Com Seus Pobres* com a proposta de ficar apenas dois meses em cartaz, em São Paulo. Três anos depois, a peça já foi assistida por mais de 80 mil espectadores e reestreiá no Rio, na Sala Marília Pêra, no Teatro Leblon, depois de ter rendido a Marcelo Médici o Prêmio Qualidade Brasil 2006 como melhor ator de comédia. Sua interpretação de uma faxineira de teatro, uma mãe de santo e um mico-leão dourado, entre outros personagens em cena, vem garantindo boas risadas...

Exclusividade

Ótima notícia: por iniciativa da deputada federal Solange Amaral (DEM), foi aprovado o desmembramento da Comissão de Educação e Cultura da Câmara dos Deputados. Agora a Cultura terá uma Comissão só para tratar de seus interesses. Longa vida para a Comissão de Cultura, que não precisa mais disputar espaço com a Educação. Cada tema com a sua grandeza.

Ana Kfouri

O homem desfeito

Trabalhar um texto de Novarina, como o que faço agora em *O Animal do Tempo*, é deparar-se com uma proposta cênico-dramatúrgica desafiadora. Novarina cria personagens que não representam ninguém e é no próprio ato da escrita que o autor se reinventa, construindo uma dramaturgia imersa em uma fruição de palavras, sonoridades, sentidos vários, afetividades, perdas, temporalidades, pedaços de carne (texto), que se contrapõem, se movimentam, se tensionam. Lendo Novarina, eu talvez tenha intuído a possibilidade de pensar a comunicabilidade artística a partir da produção de um vazio, de um vazio produzido pelo texto. Alguma coisa impalpável materializada pela palavra de Novarina me chama para a cena. E também o lugar do impacto, da perplexidade, do pasmo que se instaura lendo/vendo/percebendo seu texto, que acaba reverberando em um espaço interrogativo, sem respostas.

Novarina constrói personagens furados, personagens-palavra, palavras-corpo. No texto *Carta aos Atores*, ele afirma que “o ator não interpreta, mas se penetra (...); não constrói seu personagem, mas decompõe



Diretora da Cia Teatral do Movimento, Kfouri também dirige o Grupo Alice 118 e é coordenadora do Centro de Estudo Artístico Experimental (Sesc Tijuca)

seu corpo civil ordenado; suicida-se. Não se trata de decomposição de personagem, mas de decomposição de pessoa, decomposição do homem ali sobre o palco”. Esta decomposição do homem é o “homem desfeito” que ele clama, o homem fora de si. Parece ser um lugar ou estado conquistado através do exercício árduo que o ator tem de fazer para deixar de lado o homem, para ir além de si mesmo, e não mais se reconhecer. Se o ator não pode mais se reconhecer em Novarina, como poderia o espectador reconhecê-lo?

Novarina tem sido um forte chamamento. Encenei *Esfincter*, com a CTM, montagem concebida a partir de dois textos dele. No mestrado, o autor foi um forte estímulo para minhas reflexões sobre teatro. E agora experimento o autor no lugar mais vulnerável de todos, o da atuação.”

Auto de Angicos



O amor e a violência na última noite de Lampião e Maria Bonita

Por Olga de Mello

Na Grota de Angicos, no interior de Alagoas, há quase 70 anos, Lampião e Maria Bonita passaram a última noite de suas vidas. Acossados pela polícia, os cangaceiros foram mortos ao amanhecer do dia 28 de julho de 1938. Se muito se sabe sobre a vida de Virgulino Ferreira e sua companheira

Maria Déa, a Maria Bonita, pouco se conhece sobre a última noite daquele casal que viveu uma história de amor e violência intensos. Uma reflexão sobre a vida, o amor e o destino permeia o roteiro de *Auto de Angicos*, de Marcos Barbosa, que estréia no circuito do SESC sob direção de Amir Haddad. Interpretando

o primeiro-casal do cangaço estão Marcos Palmeira e Adriana Esteves.

Antes de chegar ao *Auto de Angicos*, Marcos Palmeira – que é o produtor do espetáculo – procurou Amir Haddad para “um encontro mais profundo com o teatro”, um exercício e uma experiência que considerava fundamentais para sua estrutura como ator. “O Amir desestrutura qualquer texto, mostra novas ferramentas que são importantes para quem quer interpretar. Sugeriu fazermos um Shakespeare, mas ele trouxe esse texto que fala de questões atuais como marginalidade, violência, corrupção política. Ao mesmo tempo, questiona a vida e seus limites através do amor”, conta Marcos Palmeira, que é de família nordestina e foi criado ouvindo histórias de cangaceiros: “Nas fazendas de meus parentes, sempre se falava que havia um vaqueiro que fora jagunço de Lampião”, lembra o ator.

Violência e paixão

Adriana Esteves, que faz agora seu terceiro par romântico com Marcos Palmeira, só conhecia Lampião e Maria Bonita como figuras lendárias do imaginário brasileiro. Debruçou-se sobre as figuras reais, mas se confessa assustada em recriar uma mulher que abandonou uma vida convencional para vivenciar uma paixão profunda, sem importar-se com a violência que Lampião impunha a seu redor. “Os personagens são muito embrutecidos, muito violentos. Os cangaceiros cometiam atrocidades, assaltavam, saqueavam lugarejos. Os personagens não são apresentados como heróis, mas o texto mostra que eles eram frutos da miséria social daquela época, que é tão semelhante

ao que vivemos agora. O bonito é que dentro de toda aquela brutalidade havia um homem e uma mulher apaixonados. Uma história de amor é possível em qualquer situação, mesmo quando leva à tragédia”, diz Adriana.

Amir Haddad havia visto uma montagem de *Auto de Angicos* há alguns anos, encenada por uma companhia baiana. Quando Marcos Palmeira o convidou para dirigir uma peça, lembrou-se do texto de Marcos Barbosa. “Sempre quero falar das coisas brasileiras. Achei que era o momento de falarmos de um Brasil tão antigo e tão contemporâneo”, conta Amir Haddad, contente por estreiar a peça no SESC de Duque de Caxias, na Baixada Fluminense, região onde vivem muitos nordestinos.

Reflexões

A peça de Marcos Barbosa recria os últimos momentos da vida de Lampião e Maria Bonita. Os dois tomam café da manhã enquanto discutem se devem ou não deixar o cangaço. As analogias com romances atuais e a vida de marginais são inevitáveis, acredita Amir Haddad. “Eles viviam fora da lei e eram perseguidos pela polícia. Hoje, temos uma rotina de perseguições policiais a marginais, convivemos com a violência urbana e também existe um discurso ideológico que tenta compreender esta situação. A peça é uma reflexão sobre a violência, de onde ela parte, o que é a lei, o que é ético e moral no mundo do marginal. É uma indagação sobre as estruturas sociais e o poder, mas com uma ressonância maior, porque fala no amor e na paixão”.

Frida Kahlo

As dores, as cores e as paixões de uma mulher intensa e marcante

Por Olga de Mello

Cores vivas, pintura rude, sofrimento superado pela arte e por muita paixão. Esses são alguns dos elementos associados à pintora Frida Kahlo, cuja biografia supera em fama sua própria obra. No ano do centenário de seu nascimento, a história de Frida encantou a atriz Rosamaria Murtinho, que a interpreta no palco do Teatro Villalobos, sob direção de Caco Ciocler.

A vida de Frida, marcada por graves problemas de saúde, era tão intensa que a idéia original de apresentá-la em monólogo foi deixada de lado. A peça nasceu de um projeto pessoal de Rosamaria Murtinho, fascinada pela figura da pintora. “Eu estava ao lado da autora Meire Rioto na intenção de mostrar o sentimento da Frida ou, ao menos, o que percebemos como o sentimento dela, uma mulher que abraçou a vida mesmo com a limitação de movimentos imposta tanto pela poliomielite quanto pelo severo acidente de carro que sofreu ainda bem

jovem. Um monólogo restringiria muito da vida riquíssima dessa mulher que foi casada com o muralista Diego Rivera e amante do Leon Trotski”, diz Rosamaria.

Universal

Para conhecerem o mundo de Frida, Rosamaria e Caco Ciocler foram ao México, onde visitaram a casa da pintora. “Foi extremamente envolvente e emocionante. Vi a urna com as cinzas de Frida, toquei nos pincéis dela, estive ao lado da cama onde ela passou a maior parte de sua vida, andei pelos jardins”, conta Rosamaria, que gostaria de levar a peça ao México para mostrar a visão brasileira sobre Frida: “Ela é uma personagem universal, uma mulher de fibra, apaixonada pela vida e por um homem importante e sem escrúpulos, a ponto de ser amante da irmã de Frida. Enquanto sofria, ela lutava para não se abater. Quando teve o pé amputado, disse que não precisava tanto



FOTOS: DIVULGAÇÃO



assim de pés, já que dispunha de asas para voar. Viver uma personagem dessas, que mais parece saída de um romance do que da vida real, é um desafio para qualquer atriz”, afirma Rosamaria Murtinho.

Sem rótulos

Caco Ciocler diz que conhecia pouco do universo da Frida Kahlo. “Sabia que era uma pintora importante, casada com um dos maiores muralistas mexicanos. Ao me debruçar sobre Frida, a primeira impressão foi, naturalmente, pictórica, porque ela pintou sua vida, mostrando todo seu lado solitário e sombrio”. Segundo Ciocler, ao entrar no espírito da peça, sentiu que a mulher superava a artista. “A humanidade do personagem cresce à medida que conhecemos sua vida, alavancada pela dor, que tanto marcou sua obra. Interessante é que ela jamais permitiu que classificassem sua pintura como surrealista, o que, na verdade, mostra quanto ela estava fora de classificações ou rótulos. Hoje, a obra de Diego Rivera ficou datada, enquanto a de Frida permanece contemporânea”, diz o diretor.

Para Rosamaria Murtinho, apesar de sua forma exuberante de viver, Frida Kahlo deixou muitas dúvidas sobre sua personalidade. “Ela costumava dizer que a dor fazia parte dela. Será que se não tivesse sofrido o acidente de ônibus viveria com tanta intensidade? A peça não trará respostas, mas tentará investigar essa personalidade tão fascinante.”

Sofrimento e arte

A pintura de Magdalena Carmen Frida Kahlo y Calderón sempre retratou episódios de sua vida. Os abortos naturais sofridos, as crises do casamento com Diego Rivera, as dores em decorrência dos problemas de saúde, tudo está em sua obra, com cores fortes que usava para retratar o espírito mexicano. Frida conviveu com dores pela maior parte de sua vida, em decorrência da poliomielite, que deixou uma lesão no seu pé direito, e do acidente de ônibus que quase a matou, aos 18 anos. Submeteu-se a mais de 30 cirurgias, sendo sete de coluna. Seu estilo arrojado e vanguardista estava tanto na sua pintura quanto na maneira em que passou seus 47 anos de vida.



Cheiro de chuva

Em cena, um homem casado, uma professora de dança e uma paixão reprimida

Foi durante aulas de dança de salão que Bosco Brasil imaginou um romance mudo entre um aluno e sua instrutora, que deixam de declarar seu amor, abafado pelas convenções sociais. Fascinado pelo equilíbrio entre os dançarinos – a condução firme do cavalheiro e a entrega parcial da dama –, há oito anos ele escreveu *Cheiro de Chuva*, em que discute o poder transformador do amor. A primeira montagem deste romance chega ao palco do Teatro Maison de France com direção do próprio Bosco, que atribui à dificuldade do texto, que traz longos monólogos, o longo período entre a concepção e a encenação da peça.

Mola propulsora

“Alguns trechos chegaram a ser apresentados, mas a peça nunca foi montada por inteiro. Talvez as pessoas se assustassem com tantos monólogos, entrecortados pela coreografia. Tinha que ser eu mesmo para

dirigir”, diz Bosco, que havia autorizado a atriz Tânia Costa a fazer a primeira montagem da peça na França, dois anos atrás. “Era o ano do Brasil na França e Tânia, que havia traduzido *Novas Diretrizes em Tempos de Paz*, gostou do *Cheiro de Chuva*”, lembra Bosco Brasil. Radicada na França desde a década de 80, Tânia acabou decidindo voltar para o Brasil e pensou em dirigir uma montagem brasileira da peça. “Mas o Bosco quis participar do projeto e vimos que era a melhor solução para contarmos essa bela história de amor”, diz Tânia, que divide a cena com o ator Marcelo Escorel.

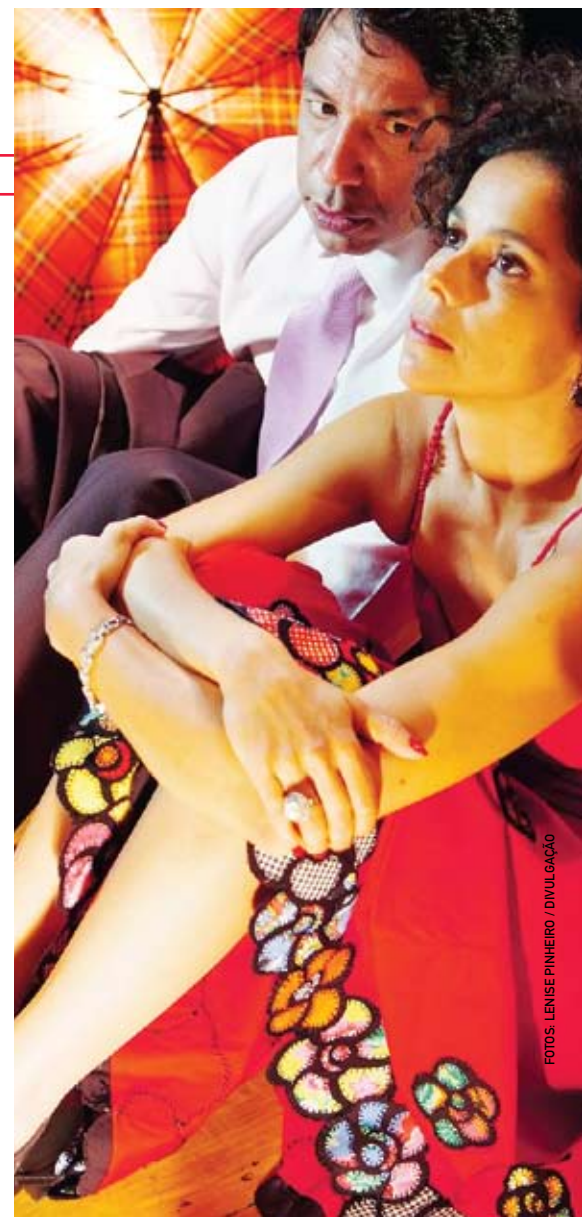
Segundo Bosco Brasil, falar de amor atualmente é um pouco subversivo. “O amor subsiste no folhetim, no melodrama, mas a dramaturgia tem deixado o tema de lado para discutir grandes questões existenciais. Isso como se o amor não fosse a mola propulsora da vida. Eu queria mostrar quanto o amor é transformador – o amor como

força bruta, mesmo quando ele não se concretiza –, e como todos têm medo da força e do poder do amor”, diz o escritor.

Colagem de amores

O envolvimento do casal, diz ele, não foi inspirado em nenhuma paixão pessoal em particular. Na peça, Bosco aborda o amor de um homem que está completando 25 anos de casamento e que precisa aprender a dançar para apresentar-se, com a mulher, na festa das bodas de prata. “Ali está uma colagem de romances que outras pessoas viveram, de amores que eu vivi também. Não é autobiográfico, afinal, a história da humanidade é muito parecida. Apaixonar-se e descobrir-se através do amor é comum a todos. Quantos amores vivi sem jamais expressar? Da mesma maneira, devo ter despertado amor em quem nunca teve coragem de me dizer. Mas não me apaixonei por minha professora de dança”, brinca Bosco Brasil.

Para Tânia Costa, o amor que cresce sem que os personagens possam se entregar à paixão é tão importante quanto os romances vivenciados: “É uma situação difícil. O homem é casado e não sabe nada sobre a professora, mas eles acabam se encontrando através da dança. No entanto, eles não têm coragem nem tanta vontade assim de se entregar ao amor”.



Para lembrar

Celebrado como um dos melhores dramaturgos brasileiros da atualidade, Bosco Brasil entusiasmou público e crítica com *Novas Diretrizes em Tempos de Paz*, em 2001, em que tratava de política, liberdade e tortura.

CAROLINA



FOTO: FERNANDA BOECHAT / DIVULGAÇÃO

A grande força por trás do escritor Machado de Assis

Por Olga de Mello

Musa, cúmplice, companheira, uma mulher à frente de seu tempo. Assim foi Carolina Augusta Xavier de Novais Machado de Assis, a mulher do grande escritor brasileiro, personagem do espetáculo

Carolina, de Tarcísio Lara Puiati, com estréia marcada para o dia 17 de outubro no Teatro III do Centro Cultural Banco do Brasil. Júlia Rabello, Laura Castro, Marta Nóbrega e Sarah Cintra se revezam no papel de Carolina e

de uma outra figura feminina, que está a seu lado, meia hora antes de sua morte.

Carolina Machado de Assis é apontada como figura central no crescimento do escritor, considerado um dos maiores mestres da literatura latino-americana até por autores de língua espanhola da atualidade, como o mexicano Carlos Fuentes e o peruano Mario Vargas Llosa. A portuguesa Carolina apaixonou-se por Machado de Assis, escritor e jornalista mulato e descendente de escravos, desafiando os preconceitos sociais da época. É depois do casamento com Carolina que o tímido Machado constrói uma obra literária mais contundente, apoiado pela mulher, e que conquista a sociedade carioca. “O que Machado não esperava era que Carolina morresse antes dele. Foram quase 40 anos de convivência intensa e o casal tinha como certo que ele viria a ser o primeiro a falecer. A idéia da peça partiu do que seria o momento em que Carolina tem certeza de que está para deixar o marido”, conta a atriz Júlia Rabello.

Mulheres de Machado

Júlia, Laura e Marta encomendaram o texto a Tarcísio e convidaram Renato Farias para a direção. A peça, além de iniciar as homenagens pelo centenário da morte de Machado de Assis, que se completa em 2008, também marca os 18 anos de inauguração do CCBB do Rio de Janeiro, que foi aberto com um ciclo de peças de Machado de Assis. “São diversas coinci-

dências, pontuadas pela paixão que todas nós devotamos a Machado, principalmente ao soneto *À Carolina*, um dos mais belos poemas de amor da língua portuguesa”, conta Júlia Rabello.

Fragmentos das principais obras de Machado de Assis são citados ao longo da peça, que trata do amor entre os dois e das mulheres que ele imortalizou, como Capitu (*Dom Casmurro*), Guiomar (*A Mão e a Luva*) e Helena (*Helena*). As personagens também dividem a cena com Carolina e com uma mulher que personifica a morte.

Dupla estréia

Além da homenagem a Machado, este espetáculo inaugura a JLM em Companhia, um braço da JLM Produções Artísticas, que teve seu batismo profissional com o musical *Obrigado, Cartola!* e prosseguiu com *As Robertas - Loucas pelo Rei* e *Besouro Cordão-de-Ouro*, sempre priorizando a cultura brasileira e o universo feminino. Agora, com *Carolina*, a produtora, formada por três atrizes – Júlia Rabello, Laura Castro e Marta Nobrega –, amplia o âmbito de sua militância cultural, assumindo de maneira direta e explícita seu compromisso com a dramaturgia.

Neste primeiro trabalho, a JLM em Companhia convidou a Cia de Teatro Íntimo, por meio de seu diretor Renato Farias, que complementou a ficha técnica com nomes como o do autor Tarcísio Lara Puiati, a assistente de direção Fernanda Boechat e a diretora de movimento Gabriela Haviaras.

Riocena contemporânea

O maior festival de teatro do Rio chega à 8ª edição resgatando sua memória

A té 14 de outubro, o Rio de Janeiro é, pela oitava vez, palco de indagações e reflexões com as mais de 70 atrações entre espetáculos, performances, leituras e instalações do riocenacontemporânea. Com o tema Inventário, a 8ª edição do festival pretende olhar para trás, resgatando sua própria memória e a cena, para sempre continuar caminhando, explica Bia Junqueira, uma das coordenadoras da mostra.

“Em 2007, o objetivo do festival é catalogar, ser catalogado, despertar o desejo de reunir partes, objetos, palavras, imagens, cenas que desenhem o nosso tempo agora nesta cidade. A cena se compõe da combinação do arquivo do artista que se apresenta com o público que participa. O festival se coloca como o espaço para este livre jogo. A cena contemporânea não deve se restringir a apontar novidades. Nossa meta é resgatar o passado e usá-lo como referência”, conta Isabel Lito, também da organização do evento.

O riocenacontemporânea começou como uma mostra de teatro experimental entre 1992 e 1995, no galpão do Espaço Cultural Sérgio Porto, no Humaitá. A partir de 1996, teatros, praças e ruas da cidade foram tomados por apresentações que redescobriam espaços esquecidos do Rio de Janeiro, como os armazéns da área portuária.

Programação internacional

São 14 atrações no total — cinco peças, três instalações, dois espetáculos de dança, além de quatro espetáculos que formam a Mostra da Cena Portuguesa. A seguir, uma pequena mostra:

O escritor, ator e professor britânico Tim Crouch, fundador do Public Parts Theatre, apresentará duas de suas mais significativas peças, *A árvore do carvalho* (*An oak tree*), premiada no festival de Edimburgo, em 2005, e *Meu braço* (*My Arm*), apresentada nesse mesmo festival dois anos antes.

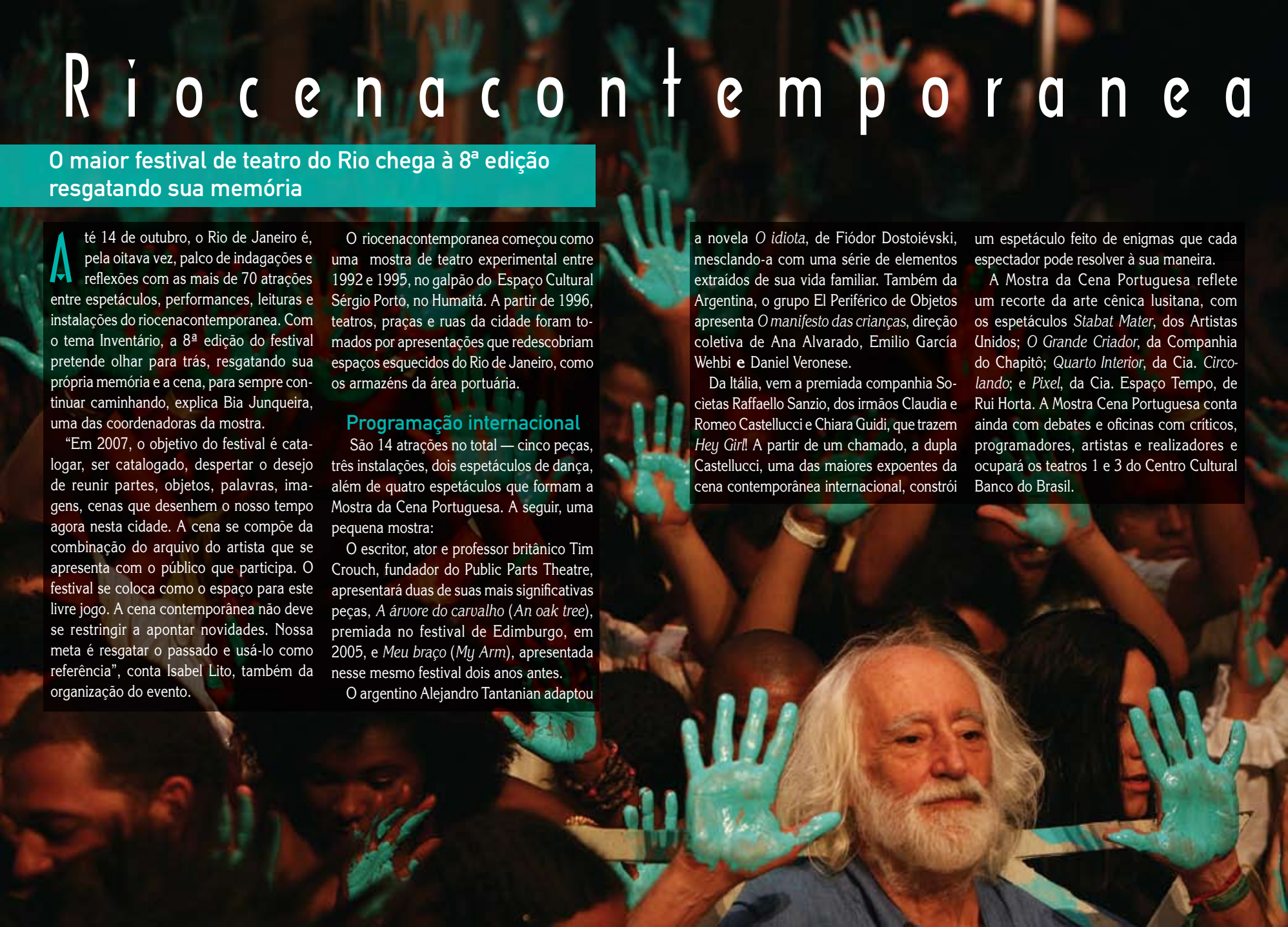
O argentino Alejandro Tantanian adaptou

a novela *O idiota*, de Fiódor Dostoiévski, mesclando-a com uma série de elementos extraídos de sua vida familiar. Também da Argentina, o grupo El Periférico de Objetos apresenta *O manifesto das crianças*, direção coletiva de Ana Alvarado, Emilio García Wehbi e Daniel Veronese.

Da Itália, vem a premiada companhia Societas Raffaello Sanzio, dos irmãos Claudia e Romeo Castellucci e Chiara Guidi, que trazem *Hey Girl!* A partir de um chamado, a dupla Castellucci, uma das maiores expoentes da cena contemporânea internacional, constrói

um espetáculo feito de enigmas que cada espectador pode resolver à sua maneira.

A Mostra da Cena Portuguesa reflete um recorte da arte cênica lusitana, com os espetáculos *Stabat Mater*, dos Artistas Unidos; *O Grande Criador*, da Companhia do Chapitô; *Quarto Interior*, da Cia. Circulando; e *Pixel*, da Cia. Espaço Tempo, de Rui Horta. A Mostra Cena Portuguesa conta ainda com debates e oficinas com críticos, programadores, artistas e realizadores e ocupará os teatros 1 e 3 do Centro Cultural Banco do Brasil.



Programação nacional

O riocenacontemporanea apresenta 15 espetáculos nacionais de seis estados. Entre eles:

Os Sertões, da Cia de Teatro Uzyna Uzona, de José Celso Martinez, tem números grandiosos: uma equipe de 70 profissionais, cinco toneladas de cenário e objetos de cena, 2,5 mil figurinos e uma platéia de mil espectadores.

BR-3, da companhia Teatro da Vertigem, com direção de Antônio Araújo, também impressiona. O espetáculo tem a Baía de Guanabara como palco flutuante. O público assiste à apresentação de uma balsa construída especialmente para a montagem, que percorre 15 pontos entre a Ponte Rio-Niterói e a Ilha do Fundão.

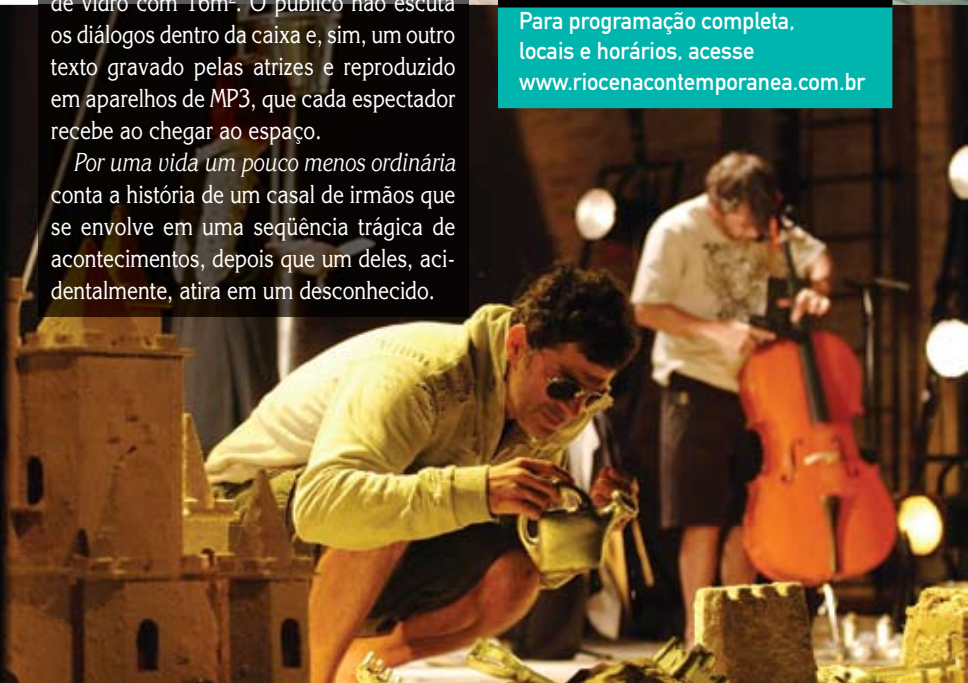
Glass, de Haroldo Rego, mostra três atrizes e objetos cênicos dentro de uma caixa de vidro com 16m². O público não escuta os diálogos dentro da caixa e, sim, um outro texto gravado pelas atrizes e reproduzido em aparelhos de MP3, que cada espectador recebe ao chegar ao espaço.

Por uma vida um pouco menos ordinária conta a história de um casal de irmãos que se envolve em uma seqüência trágica de acontecimentos, depois que um deles, acidentalmente, atira em um desconhecido.



Anote!

Para programação completa, locais e horários, acesse www.riocenacontemporanea.com.br



NÃO PERCA

não perca

O espectador assistiu, gostou e indica



FOTOS: TV GLOBODIVULGAÇÃO

7, o musical

“Além de ser um espetáculo com a marca de qualidade da dupla Botelho e Möeller, a montagem tem cantores excepcionais. Os figurinos e cenários também são impecáveis. É entretenimento de altíssimo nível.”

Marília Pêra, atriz

Os Sertões

“Zé Celso está trazendo sua visão de Euclides da Cunha para o Riocenacontemporânea. Assisti a uma das partes, em São Paulo, e vou assistir às duas outras aqui, no Centro Cultural da Cidadania, na Saúde, que tem espaço para receber os 60 atores em cena. É uma verdadeira ópera, com 26 horas de duração e a qualidade que o Zé Celso imprime em seus espetáculos.”



Maria Gladys, atriz



O Bem-amado

“Um divertidíssimo espetáculo, uma aula de teatro de Marco Nanini. Você ri do início ao fim, e o elenco está muito bem afinado. Vale a pena conferir!”

Marcus Montenegro, produtor teatral

Alarme Falso

“Eri Johnson interpreta nove personagens nessa comédia rasgada de Marcelo Saback. Excelente programa para quem quer se distrair um pouco dessa realidade tão sofrida que vivemos em nosso País.”



Lupe Gigliotti, atriz

7 - O MUSICAL

Misturando elementos de contos-de-fada com música de Ed Motta, a nova produção de Cláudio Botelho e Charles Möeller discute envelhecimento, amor e perda sob a ótica feminina. Texto e direção: Charles Möeller. Com Alessandra Maestrini, Ida Gomes, Zezé Motta, Rogéria, Eliana Pittman. **Teatro João Caetano** (Praça Tiradentes s/n, Centro) Fone: 2221-0305. Quinta e sexta, 19h30. Sábado, 20h. Domingo, 18h. R\$ 40 (qui e sex) e R\$ 50 (sab e dom).

ALARME FALSO

Eri Johson vive nove personagens nesta comédia policial escrita e dirigida por Marcelo Saback. Com Flávio Migliaccio, Alberto Bardawil, Juliana Knust e Eri Johnson. **Teatro dos Grandes Atores - Sala Vermelha** (Avenida das Américas, 3555, Shopping Barra Square, Barra da Tijuca). Fone: 3325-1645. Quinta a sábado, 21h, Domingo, 20h. R\$ 40 (qui., sex. e dom.) e R\$ 50 (sáb.). Até 28 de outubro.

ANJO MALAQUIAS

A vida do poeta Mário Quintana, através de seus poemas e cartas. Texto: Mário Quintana. Roteiro: Elói Calage e Afonso Drummond. Direção de Delson Antunes. Com Afonso Drummond e Fabrício Polido. **Centro Cultural da Justiça Federal** (Avenida Rio Branco,

241, Centro). Fone: 3212-2550. Quinta a Domingo às 19h, R\$ 20. De 19 de outubro a 16 de dezembro.

APOS A CHUVA

Uma companhia de teatro ocupa o local de ensaios à espera de um ator famoso que tem a missão de levantar o grupo. Texto e direção: Silvio Guindane. Com Antônio Pitanga, Ana Paula Tabalipa, Roney Vilela e a Cia de Dramaturgia Carioca. **Teatro do Solar - Centro Cultural Solar de Botafogo** (Rua General Polidoro, 180, Botafogo) Fone: 2543-5411. Quinta a sábado, 21h. Domingos, 20h. R\$ 30.

AUTO DE ANGIÇOS

A última noite de Lampião e Maria Bonita, acossados pela polícia em Alagoas. Texto: Marcos Barbosa. Direção: Amir Haddad. Com Marcos Palmeira e Adriana Esteves. **Espaço Sesc Copacabana** (Rua Domingos Ferreira 160, Copacana). Fone: 2548-1088. Quinta a sábado, 21h. Domingos, 19h30. R\$ 12. De 18 de outubro a 9 de dezembro.

O BEM-AMADO

O prefeito Odorico Paraguaçu quer inaugurar o cemitério de Sucupira, a maior obra de sua gestão, mas ninguém morre na cidade. Texto: Dias Gomes, com adaptação de Cláudio Paiva e Guel Arraes. Direção: Enrique

Diaz. Com Marco Nanini, Bel Garcia, César Augusto, Marcelo Olinto. **Teatro das Artes** (Rua Marquês de São Vicente 52, Shopping da Gávea) Fone: 2540-6004. Quinta a sábado, 21h; domingo, 20h. R\$ 70 (qui. e sex.) e R\$ 80 (sáb. e dom.).

AS CENTENÁRIAS

Dois carpideiras, que passam a vida em velórios e enterros no interior do Nordeste, encontram com celebridades locais, como o Lampião, e entram em confronto com a Morte. Texto: Newton Moreno. Direção: Aderbal Freire-Filho. Com Marieta Severo, Andréa Beltrão e Sávio Moll. **Teatro Poeira** (Rua São João Batista, 104, Botafogo). Fone: 2537-8053. Quintas, sextas e sábados, 21 h. Domingo, 20 h. R\$ 50 (quinta, sexta e domingo). R\$ 60 (sábado).

CADA UM COM SEUS POBREMA

Marcelo Médici interpreta nove personagens, sob direção de Ricardo Rathsan. **Teatro Leblon - Sala Marília Pêra** (Rua Conde de Bernadotte, 26 loja 104), Fone: 2274-3536. De quinta a sábado, 21h30. domingo, 20h. R\$ 50 (sex. e dom.), R\$ 60 (sáb). Até novembro.

CAROLINA

A biografia da mulher de Machado de Assis e seu encontro com a morte.

Texto: Tarcísio Lara Puiati. Direção: Renato Farias. Com Júlia Rabello, Laura Castro, Marta Nobrega e Sarah Cintra. **Centro Cultural Banco do Brasil - Teatro III** (Rua Primeiro de Março, 66, Centro) Fone: (3808-2020). Quarta a domingo, 19h30m. R\$ 10. Até 25 de novembro.

O CHÁ

Três damas da alta sociedade se reúnem para conversar e refletir sobre suas vidas. Texto e Direção: Luciana Mitkiewicz. Com: Carla Soares, Lígia Tourinho e Luciana Mitkiewicz. **Teatro Vannucci** (Rua Marquês de São Vicente, 52/3º. piso - Shopping da Gávea) Fone: 2274-7246. Quinta a domingo, 19h. R\$ 30 (quinta e sex), R\$ 40 (sáb. e dom). De 25 de outubro a 23 de dezembro.

CHEIRO DE CHUVA

Um homem se apaixona pela professora de dança que lhe ensina uma coreografia para apresentar na festa de 25 anos de casamento. Texto e direção: Bosco Brasil. Com Marcello Escorel e Tânia Costa. **Teatro Maison de France** (Avenida Presidente Antônio Carlos, 58, Centro) Fone: 2544 2533. Terças e Quartas às 20 horas. R\$ 30. Até 12 de dezembro.

CORAÇÃO DENUNCIADOR

Homem planeja a morte de seu patrão

e se angustia depois do assassinato. Texto: Edgar Allan Poe. Adaptação e direção: Júlia Sarmento e Tiago Fortes. Com Tiago Fortes. **Casa da Glória** (Ladeira da Glória 98, Glória). Fone> 3904-4274. Sexta a domingo, 20h. R\$ 15.

DÁ UMA ENTRADINHA

Só pra você sacar como esse homem me ama. Comédia composta por dois textos (*Virtuosa e Bela*, *Sensata é Ela e Marilda, a Oprimilda*) que abordam temas como casamento, ciúmes, diferenças. Texto: Luiz Carlos Góis. Direção: Joaquim Vicente. Com Juliana Teixeira, Marcelo Escorel e Renato Reston. **Teatro SESI** (R. Graça Aranha, nº 1, Centro). Fone: 2563-4163. Quinta a domingo, 19h. R\$ 30.

DIÁLOGOS COM MOLLY BLOOM

Monólogo inspirado na personagem Molly Bloom, do romance *Ulisses*, de James Joyce. Texto: José Sanchis Sinisterra. Direção: Andrea Beltrão, Cristina Moura, Christiane Jatahy, José Sanchis Sinisterra e Gilberto Gawronski. Com Malu Galli. **Centro Cultural Solar de Botafogo** (Rua General Polidoro, 180, Botafogo). Fone: 2542-9458. Quinta a sábado, 21h. Domingo, 20h. R\$ 30.

DIVÁ

Mulher de 40 anos procura um ana-

lista por curiosidade e acaba questionando sua trajetória até então considerada bem-resolvida. Texto: Martha Medeiros. Direção: Ernesto Piccolo. Com Lilia Cabral, Alexandra Richter e Marcelo Valle. **Teatro Vanucci** (R. Marquês de São Vicente, 52, Shopping da Gávea). Fone: 2239-8545. Quinta a sábado, 21h30. Domingo, 19h. R\$ 40 (qui. e sex.), R\$ 50 (dom.) e R\$ 60 (sáb.).

DOIS PARA VIAGEM

Um feitiço prende no tempo dois atores que tentam apresentar uma comédia ao público. Texto: Miguel Thiré, Mateus Solano e Jô Bilac. Direção: Jô Bilac. Com Miguel Thiré e Mateus Solano. **Casa da Gávea** (Praça Santos Dumont, 116 sobrado, Gávea). Fone: 2239-3511. Quarta e quinta, 21h. R\$ 30.

ENSAIOS DE MULHERES

Os bastidores de uma decadente orquestra feminina. Texto: Jean Anouilh. Direção: Daniel Herz. Com Anderson Mello, Charles Fricks, Felipe Mônico. **Casa de Cultura Laura Alvim** (Avenida Vieira Souto, 176, Ipanema). Fone 2247-6946. Quinta a sábado, 21h. Domingo, 20h. R\$ 20,00 (qui.) e R\$ 30,00 (sex. a dom.). Até 25 de novembro.

ERES KIGAL

Atores interpretam esculturas que contracenam com o público. Texto e

Direção: Camila Diehl. Com Wendell Soares, Lucas Valentim, Camila Diehl. **Casarão da Bambina** (Rua Bambina 141, Botafogo) Fone: 9811-5523. Sextas e sábados, 21h. Domingos e segundas, 20h. R\$15.

AS ERUDITAS

Duas jovens enfrentam as dificuldades de um casamento arranjado. Texto: Molière. Direção: José Henrique Moreira. Com Jacqueline Laurence, Gláucia Rodrigues, Nildo Parente e a Cia Limite 151. Teatro do Sesi (Avenida Graça Aranha 1, Centro) Fone: 2563-4455. Quinta e sexta, 19h. Sábados e domingos, 19h30. R\$ 40. Até 25 de novembro.

O FIO DA MEADA

O romance entre um caminhoneiro e uma balconista. Texto: Paulo Reis, baseado em *The Woolgatherer*, de William Mastro Simone. Direção: Anselmo Vasconcellos. Com Humberto Martins e Marta Paret. **Teatro Vannucci** (Rua Marquês de São Vicente 53, Shopping da Gávea, Gávea). Fone: 2239-8545. Terças e Quartas, 21h. R\$ 40.

FRIDA KAHLO

Rosamaria Murtinho e Zulma Mercadante interpretam a pintora mexicana. Texto de Meire Rioto. Direção de Caco Ciocler. **Teatro Villa-Lobos** (Avenida Princesa Isabel, 440, Copacabana)

Fone: 2275-6695. De quinta a sábado, 21h. Domingos, 20h. R\$ 50. De 11 de outubro a 25 de novembro.

HOMEMÚSICA

Na terceira parte de sua Trilogia Brasileira, Michel Melamed interpreta Hélicóptero, um jovem do interior do Brasil que se apresenta em um show de televisão, mostrando seu dom: emitir sons musicais de cada parte de seu corpo. Direção: Michel Melamed. **Teatro Il do Centro Cultura Banco do Brasil** (Rua Primeiro de Março 66, Centro) Fone: 3808-2020. Quarta a domingo, 19h30. R\$ 10. Até 28 de outubro.

ISADORA DUNCAN

Atriz apaixonada por Isadora Duncan encontra texto sobre a bailarina e busca produtor para encená-lo. Texto: Aguinaldo Silva. Direção: Bibi Ferreira. Com Leticia Spiller, Oscar Magrini, Marly Bueno. **Teatro Vanucci** (R. Marques de São Vicente, 52, Shopping da Gávea). Fone: 2274-7246. Quinta a sábado, 19h. Domingo, 21h30. R\$ 60 (sáb. e dom.), R\$ 50 (qui. e sex.) e R\$ 30 (meia-entrada de qui. a dom.).

LEMBRANÇAS DE UM SONHO

Uma ex-revolucionária questiona suas escolhas depois de 40 anos de casamento com um burguês. Texto: Luis Carlos Maciel. Direção: Regiana



Antonini. Com Maria Claudia, Monique Alfradique, Oddone Monteiro. **Teatro Glória** (Rua do Russel 632, Glória). Fone: 2555-7262. Quinta a sábado, 20h. Domingo, 19h. R\$ 20 (quinta, sexta e domingo) e R\$ 25 (sábado). Até 14 de outubro.

O MANIFESTO

Um conservador e uma progressista, casados há 50 anos, tentam superar suas diferenças. Texto: Brian Clark. Tradução e Direção: Flávio Marinho. Com Eva Wilma e Othon Bastos. **Teatro Maison de France** (Av. Presidente Antônio Carlos, 58, Centro). Fone: 2544-2533. Quinta a sábado, 21h. Domingo, 19h. R\$ 50 (sex.), R\$ 60 (qui. e dom.) e R\$ 70 (sáb.).

MEU FILHO É UM DOCE

Os pais de um menino diabético descobrem como enfrentar a doença com bom humor. Texto e Direção: Claudia Valli. Com Antonio Fragoso, Claudia Paiva, Duaia Assumpção. **Teatro Clara Nunes** (Rua Marquês de São Vicente, 52, Shopping da Gávea). Fone: 2274-9696. Terças e Quartas, 21h. Quintas, 17h. R\$ 25.

NÃO SOU FELIZ, MAS TENHO MARIDO

As desventuras conjugais narradas com humor e vivacidade. Texto: Viviana Gómez Thorpe. Direção: Victor

Garcia Peralta. Com Zezé Polessa. **Teatro Clara Nunes** (R. Marquês de São Vicente, 52, Shopping da Gávea). Fone: 2274-9696. Quinta, 17h. Sexta a sábado, 21h. Domingo, 20h. R\$ 50 (qui.), R\$ 55 (sex. e dom.) e R\$ 60 (sáb e feriados). Até 25 de novembro.

QUIPROCÓ

Dois esfomeados tentam se aproveitar da criada Mirola, que só pensa em se casar. Criação coletiva do Grupo Moitará. Direção: Venício Fonseca. Com Erica Retti, Fabiano Manhães e André Marcos. **Teatro de Arena Caixa Cultural** (Avenida Almirante Barroso, 25, Centro) Fone: 2544-4080. Quinta a domingo. Quinta e sexta, 19h30. Sábado e domingo, 19h. R\$ 10. Às quintas-feiras, o ingresso é um quilo de alimento não-perecível. De 25 de outubro a 4 de novembro.

TERAPIA DO RISO

Espectáculo mostra o primeiro dia de terapia de um grupo de personagens surtados. Texto e atuação: Carlos Alexandre, Hellen Suque e Israel Linhares. Direção: Anja Bittencourt. **Teatro Miguel Falabella** (Av. Dom Hélder Câmara, 5.474, NorteShopping). Fone: 2595-8245. Quinta a sábado, 21h. Domingo, 20h. R\$ 30 (qui. e sex.) e R\$ 35 (sáb. e dom.).

Croquete de pato e torta de maçã

Num ambiente cool e charmoso, vá conhecer em Copacabana o **Copa Café**, um bistrô muito simpático. Peça com antecedência a mesa no segundo andar, na janela, e então entenderá todo o charme da “princesinha do mar”...

Não dispense o couvert, com patês variados e pães saborosos embalados em papel manteiga para mantê-los quentinhos. Peça também croquetes de pato – são especiais!

Na entrada, há um foie gras imperdível com compota de pêra, pedida mais do que certa. Tem ainda camarões salteados com cogumelos e molho agridoce,

além de um salmão marinado bem gostoso. É só escolher...

Como prato principal, a grande pedida é o peixe no *pappillote* ao leite de côco e pimenta *dedo de moça*, com farofa de banana e manga verde. Não tem nada igual... Hamburger com pimenta verde é outra ótima opção. Ou então risotto de *grana padano* com aspargos verdes e presunto cru. Na sobremesa, vá de torta de maçã com sorvete de creme.

Um banquete, ainda por cima com o mar de Copa como vista. Quer mais o quê?

Copa Café: Av. Atlântica, 3056.
Fone: 2235-2947

Peixe grelhado e arroz de açafão

Casa simpática em Ipanema onde o grande charme são os excelentes frios italianos, o **Gibo Brambini Vineria & Cucina** tem mortadela e copa fatiados na hora pelo *chef*. Acompanha o antepast: pimentões, berinjelas, cebolas caramelizadas, pizza branca com

alecrim. Enfim, uma festa...

Peça o peixe grelhado com molho de ervas e arroz de açafão, uma ótima pedida, assim como o *oraviolone* recheado de copa com molho de manteiga.

Gibo Brambini: Rua Prudente de Moraes, 1387. Fone: 2540-5194

Uma farsa para rir e refletir, com pitadas de commedia dell'arte

Por Olga de Mello



QUIPROCÓ

A cultura brasileira tem a ver com a tradição da commedia dell'arte? Para o grupo Moitará, tem, e muito. Em curta temporada – de 25 de outubro a 4 de novembro – no Teatro de Arena da Caixa Cultural, o Moitará mostra *Quiprocó*, espetáculo que reúne o espírito dos contadores de “causos” típicos brasileiros com os arquétipos italianos da Commedia dell'Arte, que dominou a cena teatral europeia no século XVI.

“A farsa permite que se reflita, com respeito mas com uma boa dose de humor, sobre a vida, o amor, a esperteza, a sexualidade e a alegria”, diz Venício Fonseca, um dos autores e diretor da peça.

Quiprocó – termo que vem do latim *quid pro quo* e significa “isto por aquilo” – conta a história de dois espertalhões, Dentinho e Pulti, que tentam se aproveitar de Mirola, uma cozinheira devota de Santo Antônio, que sonha

em se casar. Como nos trabalhos anteriores do Moitará, os atores Erica Retti, Fabiano Manhães e André Marcos, co-autores do texto, entram em cena com máscaras. “Não é à toa que a máscara é o símbolo totêmico do teatro. A máscara é um elemento essencial, que obriga o ator a desnudar-se de sua faceta cotidiana para viver outra pessoa. A máscara reforça o trabalho do ator e dialoga diretamente com o público, catalizando a atenção do espectador”, explica Venício Fonseca.

Para todas as idades

Para o grupo, a máscara também possibilita a fusão de diversos personagens em um só. As analogias entre as figuras do imaginário brasileiro com outras celebrizadas pela Commedia dell'Arte são imediatas. “João Grilo, Pedro Malazartes e Mateus podem ser uma releitura do Arlequim. Mirola, nossa moça apaixonada pelo amor e aparentemente ingênua, é uma transposição das criadas da Commedia dell'Arte e da Colombina também”, conta Venício.

Elementos lúdicos permitem que o espetáculo seja aberto a todas as idades. “Apesar de estarmos falando de necessidades físicas, como a fome – os dois espertalhões atrapalhados querem provar os quitutes preparados por Mirola – e o sexo, no desejo intenso da mulher de arranjar um marido, a farsa é delicada, é divertida. A malícia é inteligente, sem grosserias, pronta a agradecer a criança que existe em cada espectador”, afirma o diretor.

Função social

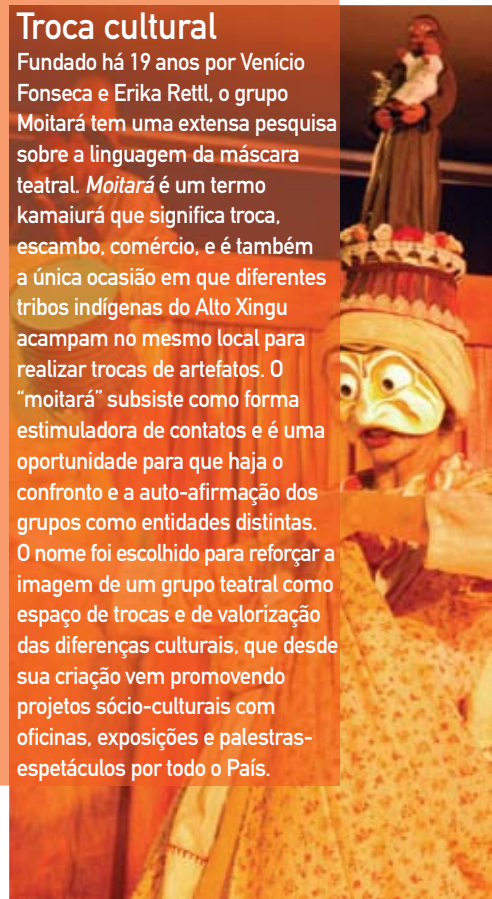
O jogo de erros da comédia tradicional italiana, que está sempre prestes a se trans-

formar em tragédia, com o bem e o mal caminhando juntos em situações diversas, é o segredo do sucesso desse tipo de trama, acredita Venício Fonseca: “A vida é uma mescla de tristezas que são compensadas pela valorização da alegria. Na comédia, o público fica em suspensão, sendo preparado para rir. A comédia é um momento necessário na rotina estressante do homem moderno, pois ela traz a maneira de superarmos as frustrações com episódios nem sempre agradáveis que precisamos enfrentar. A comédia tem realmente uma função social, já que faz rir e refletir”.

Troca cultural

Fundado há 19 anos por Venício Fonseca e Erika Rettl, o grupo Moitará tem uma extensa pesquisa sobre a linguagem da máscara teatral. *Moitará* é um termo kamaiurá que significa troca, escambo, comércio, e é também a única ocasião em que diferentes tribos indígenas do Alto Xingu acampam no mesmo local para realizar trocas de artefatos. O “moitará” subsiste como forma estimuladora de contatos e é uma oportunidade para que haja o confronto e a auto-afirmação dos grupos como entidades distintas. O nome foi escolhido para reforçar a imagem de um grupo teatral como espaço de trocas e de valorização das diferenças culturais, que desde sua criação vem promovendo projetos sócio-culturais com oficinas, exposições e palestras-espetáculos por todo o País.

FOTOS: DIVULGAÇÃO



Ensaio de mulheres

Sem cair no riso fácil, seis homens vivem seis violinistas mulheres e seus problemas

Uma decadente orquestra composta apenas por mulheres é o mote para uma investigação sobre o universo feminino – através da interpretação masculina – no novo espetáculo que a Companhia Atores de Laura apresenta na Casa de Cultura Laura Alvim. No palco, Anderson Mello, Charles Fricks, Felipe Mônaco, Leandro Castilho, Luiz André Alvim e Paulo Hamilton vivem as violinistas em *Ensaio de Mulheres*, adaptação da comédia dramática *L'orchestre*, do francês Jean Anouilh.

“Além das dificuldades naturais com o gesto e o caminhar, tivemos a preocupação em sermos contidos para não escorregar no travestismo”, explica o diretor Daniel Herz.

Além do gesto

Durante seis meses, os seis atores que interpretam as violinistas aprenderam a se comportar com feminilidade, fazendo preparação corporal com Márcia Rubim. Outras instrutoras eram as atrizes da companhia. “Sem contar com as mulheres das nossas vidas: mães, irmãs, namoradas, filhas. Elas mostravam o gesto, o comportamento. Caminhar de saltos altos é difícil mesmo, tem de jogar o peso no calcanhar e não dobrar os joelhos. Há detalhes que são quase imperceptíveis na composição de um personagem. O feminino vai além do gesto. Transmitir a capacidade aguçada de observação da mulher com vozes mais suaves, não necessariamente menos graves, mas com uma entonação que não beire o caricato, que não fique afetada. Queríamos contar uma história sem qualquer tipo de misoginia, porque não estávamos fazendo uma comédia bobinha. É uma comédia ácida”, diz o diretor.

Terapia de grupo

Cada personagem feminino representa um arquétipo. Há a virgem, a mulher casada, a amante do diretor da companhia, a histerica. Mostrar essas mulheres sem apelar para o riso fácil foi uma das dificuldades da companhia. “Homens representando mulheres existem há séculos no teatro. Shakespeare brincava muito com isso, já que mulheres não podiam trabalhar no teatro inglês naque-

la época, embora nos outros países da Europa não houvesse tanta restrição. Nos dias de hoje, o feminino e o masculino têm outras diferenciações, bem mais sutis, pois os papéis sociais se mesclaram. No entanto, o antagonismo surdo existente entre homens e mulheres ainda prevalece em muitos meios. Nós queríamos encontrar os pontos comuns através das diferenças”, informa Daniel Herz.

Dirigir um elenco só de homens, segundo Herz, tem a vantagem da estabilidade emocional: “Um elenco misto precisa interagir com a extrema sensibilidade das mulheres. Ao mesmo tempo, por viverem personagens femininos, os homens começaram a reconhecer suas mulheres neles mesmos. Houve momentos em que parecia terapia de grupo. Acho que todos saíram dali gostando e compreendendo mais as mulheres”.

CENA ABERTA



Ana Velloso e Soraya Renvele em "Dolores",
1999, Teatro II do CCBB, Rio de Janeiro



Coleção os últimos 8 anos de teatro



Assine Aplauso!



**Assinatura
semestral**

R\$ 30

Enviamos para todo o Brasil

Maiores informações

Tel.: (21) 2233-6648 e 2263-1372 ou
e-mail: danielbuquerque@aplauso.art.br

Coleção completa de Aplauso por R\$ 240!

www.aplauseo.art.br

*Sem o apoio
de vocês, não
voaríamos
tão longe...*



*O Galpão Aplauso
agradece!*